

O Brasil e a paz no Oriente Médio

Frei Betto e Oded Grajew

O ciclo de violência no Oriente Médio parece não ter fim. Há décadas assistimos a um sangrento conflito que já vitimou um número incalculável de crianças, jovens, adultos, velhos, homens e mulheres, soldados e civis, sem que se possa sequer vislumbrar um horizonte de paz.

Sobram naquela conjuntura complacência, inércia, incompetência e, muitas vezes, cumplicidade de boa parte da comunidade internacional. O ciclo de violência certamente não será quebrado pela repetição dos mesmos processos, métodos e atores que continuam produzindo mais ódio, dor, desesperança, sangue e morte. Todos sabem que nenhuma das partes poderá simplesmente destruir e eliminar a outra e que a paz e a convivência harmoniosa entre os povos é a única alternativa à interminável matança. Quanto mais cedo for alcançada, mais vidas serão poupadas.

Quando cessará o ciclo interminável de acertos de contas, represálias e vinganças fundadas na lógica do olho por olho, alimentadas por fanatismos religiosos, interesses econômicos e geopolíticos?

O que poderá ocorrer de novo e surpreendente capaz de gerar um elemento agregador passível de produzir novas possibilidades de mudança nas relações entre as partes em conflito? Foi tentando responder a estes questionamentos e reagir à angústia e a desesperança que tomou conta de todos nós, diante de mais um capítulo do aparentemente infundável ciclo de destruição e mortes na região, que resolvemos escrever este artigo e lançar a proposta de o Brasil, por iniciativa de nosso governo, desempenhar papel fundamental nesse contexto, como elemento catalisador de uma nova dinâmica no processo de desarmamento e paz.

Por que o Brasil? Porque reúne condições excepcionais para ser um espaço de convocação, interlocução e negociação de uma nova ordem no Oriente Médio. A desproporção de força militar e de condições sociais e econômicas entre Israel e os palestinos é enorme. Os EUA, por apoiarem incondicionalmente Israel, desequilibram ainda mais a correlação de forças. Perdem sua legitimidade de serem praticamente os

únicos mediadores do conflito e precisam se juntar a outros países no processo de negociação.

O Brasil mantém boas relações com Israel e reconhece o direito dos palestinos a um Estado independente. Nosso país goza da confiança dos EUA, da União Européia, da Rússia, do G-8 e G-20, da América Latina, do Japão, da China e dos países africanos e árabes. O Brasil há muitos anos advoga e atua pela negociação diplomática como método de solução para os conflitos internacionais.

Lula e o PT mantêm, há anos, relações amistosas e estreitas tanto com Israel quanto com as autoridades palestinas. Em 1993, como candidato à presidência, Lula, em visita ao Oriente Médio, foi fraternalmente recebido tanto pelo chanceler israelense Shimon Peres e pelo primeiro-ministro Itzhak Rabin, como pelos principais dirigentes palestinos.

No Brasil, como em nenhum outro país do mundo, vivem em harmonia e tolerância expressivas comunidades árabe e israelita. A relação entre estas comunidades sempre gerou amizades e parcerias, tanto no âmbito político quanto empresarial, e até casamentos.

De posse desse inestimável patrimônio, o governo brasileiro, na figura do presidente Lula, pode desempenhar, em conjunto com outros países, o papel de mediação, como ofertar aos palestinos e israelenses o território brasileiro para sediar um processo de negociação que buscará o estabelecimento da paz naquela região. Esta oferta poderia ser anunciada num evento público, com a presença de lideranças das comunidades árabe e israelita no Brasil, de personalidades agraciadas com o Prêmio Nobel da Paz, de lideranças mundiais políticas, sociais, culturais e religiosas.

O território brasileiro, que abriga a maior miscigenação de raças no mundo, é certamente um dos poucos lugares onde todos se sentiriam à vontade, inclusive o novo presidente dos EUA, filho de pai negro e mãe branca.

Iniciativas inovadoras são arriscadas, mas sempre valem à pena quando se busca restabelecer a justiça, evitar o derramamento de sangue e celebrar a paz. O Brasil dispõe de uma enorme oportunidade, através deste gesto histórico e corajoso, de se destacar no cenário internacional como uma liderança capaz de mobilizar e articular a comunidade internacional pela promoção da paz entre os povos.

Frei Betto é escritor e assessor de movimentos sociais, autor de “Calendário do Poder” (Rocco), entre outros livros.

Oded Grajew, empresário, é um dos integrantes do Movimento Nossa São Paulo e presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. É idealizador do Fórum Social Mundial e idealizador e ex-presidente da Fundação Abrinq. Foi assessor especial do presidente da República (2003).